

Coisas do Chico.

Por Juliana Fernandes Gontijo.

- Senhor Juca, as chaves principais sumiram!
 - Como assim, as chaves sumiram, Alessandro?
 - Já olhei em todos os lugares.
 - E aquelas que ficam perto do cofre?
 - Também não estão lá.
 - Tem alguma coisa errada nesta padaria.
 - Vou ter que concordar com o senhor. Sim, é verdade.
 - Há alguns meses, estão sumindo vários produtos.
 - Pois é! Pão fresco, nem se fala.
 - Você como gerente, Alessandro, deve ficar de olho.
 - Patrão, estou atento o tempo inteiro. No meu turno, não é não.
 - O estranho é que, noutro dia, Marival comentou que antes de colocar a fornada de pão às 5 da manhã, ouviu um barulho estranho na área aberta do fundo da cozinha.
 - Sim! Ele me disse que foi de uma lata derrubada na pia.
 - Esta lata derrubada, sempre o pão fresco, agora as chaves! Para mim, chega! Eu não dou conta mais de bancar tanto prejuízo!
 - Ontem, dona Maria falou que foi organizar o estoque e havia sumido um pacote de bolacha recheada. Até fruta, para os bolos, sumiu!
 - Isso também? Vou ter que acionar a polícia!
 - Haveria algum jeito de pedir uma ronda de madrugada?
 - Ah, o meu cunhado, Dilermando, é policial. Hoje ainda converso com ele para vir aqui.
 - Troço esquisito, patrão. O vizinho do lado disse que não vê movimentação estranha na padaria.
 - Os dois molhos de chaves são meu grande problema. Bem, são 8 horas. Preciso de um chaveiro. Vou pedir a troca do segredo e mandar fazer as novas cópias o mais rápido possível.
- Após a conversa entre patrão e gerente, Juca resolveu também reforçar a segurança da porta dos fundos do estabelecimento. O chaveiro completaria o trabalho naquele mesmo dia, mas enquanto ele estava mexendo nas portas da frente, uma pequena, mas importante caixa de parafusos também sumiu na área de serviço da padaria. Teoricamente, não havia funcionário por lá. Juca pensou rápido, precisava fechar a loja. Naquele momento, somente dois clientes estavam no estabelecimento. Logo, não foi preciso muito esforço para eles terminarem as compras e se retirarem rapidamente.
- Abaixem as portas! Não sai nenhuma alma viva daqui. — Disse Juca.
- Os 12 trabalhadores se entreolharam preocupados. Sim, todos já sabiam que o patrão já estava cansado de vários prejuízos nos últimos meses. No entanto, era preciso descobrir o que estava acontecendo.
- Seu Juca, nós trabalhamos aqui há tanto tempo e o senhor está desconfiando de nós? — Disse dona Maria.
 - Lamento, mas eu terei que revistar todas as bolsas e sacolas de vocês. Eu não! O policial Dilermando vai fazer isso. Se alguém aqui estiver passando por necessidades é só me falar, certo? Não é problema para mim, podemos conversar e tento ajudar de alguma forma.
 - Patrão, eu começo a pensar que isso são “coisas do Chico”. — Disse Daniel, gerente do segundo turno, meio desconfiado.
 - Não é possível, Daniel! Ele não iria pegar dois molhos de chaves e caixa de parafuso. Alguns funcionários se entreolharam novamente, mas não fizeram comentários.
 - A lata caída da pia! — Completou Alessandro.
 - Não, não é o Chico. Ele não faria isso. — Rebateu Juca.

Dilermando chegou, interrogou todos os trabalhadores, revistou as bolsas e sacolas. Como levou junto mais dois PM, pediu que eles fizessem uma “inspeção” no recinto. A padaria não era muito grande: a loja, um pequeno escritório, cozinha, estoque, banheiros e a área de serviço externa. Com menos de 1 hora, a equipe fez a verificação completa e não encontrou as chaves. Porém, viu pedaço de pão comido no canto da cozinha, perto do forno.

— Tem ratos aqui? — Disse um dos policiais.

— Tem, Catarina? Pelo amor de Deus. Eu sempre "brigo" por isso. — Falou Juca rispidamente.

— Não, senhor! Jamais achei um cocô neste lugar. Pode confiar. Sabe que sou muito cuidadosa na limpeza.

— Realmente, nunca tivemos esse problema, mas nunca se sabe, né?

No meio de toda a conversa e, com a padaria fechada, Juca recebeu uma ligação:

— Você está me dizendo que isso são coisas do Chico? Ah! Ele não anda por estas bandas mais não, Pedro.

— Anda, sim, Juca. Ele fez carregou várias coisas do meu terreiro. Só pode ser ele.

— O que o Chico iria fazer com os dois molhos de chaves de uma padaria? Só se fosse para morar aqui. — E soltou uma gargalhada.

— Roubou dinheiro?

— Não! A grana fica no cofre ao fim do expediente.

— É o Chico! Vai por mim.

Juca Desligou o telefone.

— Pedro falou que só pode ser o Chico. Mas eu acho que não. Como seu não tivesse coisa alguma para fazer hoje.

— Juca, realmente o Chico tem feito algumas vítimas por aqui, mas ainda não conseguimos pegá-lo. Ele é muito esperto. Age sorrateiramente. Antigamente, ele e o bando rondavam muito esta região. Mas quando o descobrimos colocamos a turma de cinco para correr.

— Há mais de um ano que não os vejo por aqui. — Disse o outro policial. — Dá última vez que tivemos notícias, o bando se escondia na casa verde, abandonada na Rua Vila Rica.

— Vamos fazer o seguinte, Juca: reabra a padaria! No fim do expediente, vamos ficar lá nos fundos dentro da viatura mesmo. Se ele aparecer aqui, a gente rende o meliante.

— Combinado, mas eu não acho que seja ele. Está muito “na cara”! Ei, leve as chaves para não ter que arrombar o serviço que paguei há menos de 1 hora.

A reunião foi encerrada. Juca reabriu a padaria. E os funcionários estavam chateados pela desconfiança do patrão, mas não era possível fazer coisa alguma. A não ser esperar a noite chegar para ver a possibilidade de serem, de fato, coisas do Chico.

À meia-noite, Dilermando e os dois militares chegaram aos fundos da padaria. O cunhado de Juca deixou o portão aberto. Os dois policiais foram para a ronda na frente da loja. Por umas 2 horas, estava tudo quieto.

Dilermando começou a ficar impaciente, mas o proprietário chegou por volta das 3 horas da manhã, também de carro.

— Você não deveria ter vindo, cunhado. Ou a isca não vai fazer efeito.

— Qual isca, Dilermando?

— Espera para ver!

Em pouco tempo, escutaram um barulho vindo da área de serviço.

— Você não vai entrar, Dilermando? Eu pedi aos padeiros que guardassem todas as vasilhas e recipientes. Sozinho eu não entro, não.

— Vamos esperar mais um pouco. Deixei com Alessandro a isca para colocar numa bacia em lugar mais escuro, o que poderá provocar um tropeço.

— E não me avisou, por quê? Eu sou o dono da padaria!

— E eu sou da polícia. Sei o que estou fazendo.

De repente, os dois viram o meliante pulando o muro da área de serviço, com um saco de pão e uma penca de bananas.

— Chico! Volta aqui, seu vagabundo, ordinário! — Gritou Juca. — Vamos atrás dele, Dilermando! Com o grito de Juca, os policiais que estavam na parte da frente da padaria, souberam que era tudo culpa do Chico. E o meliante sumiu pela rua escura.

— Eu te falei! Como vamos apreender esse macaco? Mas espere aí? Você conhece a história dele?
— Nem quero saber.

— Então, escuta assim mesmo! — Dilermando foi contando a vida de Chico enquanto eles se dirigiam para a Rua Vila Rica:

— Há muitos anos, naquele mato do fazendão do Messias, o Chico morava com a família. Ele, a fêmea e mais três filhotes. Um dia, por triste azar e distração, um plantador de cana e trabalhador da fazenda passou um pequeno trator em cima do rabo do Chico. Como o membro foi dilacerado, ele ficou somente com um “cotoco” de rabo. A família assustada se mandou para as terras vizinhas e nunca mais apareceu.

— Caramba! Agora até eu fiquei triste por esse macaco-prego.

— A gente sabe que “a fama” desse animal é de aprontar, né? Mas os animais só estão tentando se defender. Nós é que estamos invadindo o meio ambiente em que eles vivem.

Depois do problema do rabo, pequenos furtos começaram a acontecer na região. Muita gente colocou a culpa no macaco, dizendo que ele estava se vingando do cara do trator.

— Sabemos que, muitas vezes, não era o Chico, mas algumas características dos furtos mostravam claramente que era o macaco danado. Ou algum ladrãozinho de meia-tigela tentando se passar por ele.

Os quatro chegaram à casa verde e pularam o muro. Chico naturalmente não estava lá. Na porta, já perceberam a sujeira dos farelos de pão. Com uma lanterna, vasculharam toda a casa. Para a surpresa, no meio de todo aquele mal cheiro com fezes e urina de animal, eles encontraram espalhados os molhos de chave, maçã, restos de banana, sacos de pão, brinquedos de criança e até um vestido velho.

— Todo mundo te falou, Juca! São “coisas do Chico” e você não acreditou.

— Dilermando, as minhas chaves guardam o meu patrimônio que custei tanto a levantar na vida.

— Eu sei disso, cunhado! Sei disso!

Ao saírem da casa abandonada, avistaram Chico, do outro lado da rua, pendurado num galho de árvore. Dilermando apontou a lanterna e o macaco deu aquele sorriso enorme, mostrando todos os dentes como se estivesse zombando de Juca e da polícia.

Revoltado, mas rindo um pouco da situação, o dono da padaria gritou:

— Eita macaco danado! Eu não imaginava nunca que pudesse ter sido você. Se eu não tivesse visto com os meus próprios olhos que a terra há de comer, eu juraria que fosse mesmo um ladrãozinho de meia-tigela tentando me passar a perna!
